



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas

FLH0421 – Ensino de História: Teoria e Prática

Profa. Dra. Antonia Terra de Calazans Fernandes &
Judith Mader Elazari.

Aluno:

Matheus Fernandes, Nº USP: 8031628

Sequência didática
(Importância dos Mares para a civilização Grega
Antiga)

São Paulo
2015

Série:

3º ano do ensino médio.

Quantidade de aulas:

4 aulas (50 Minutos).

Objetivos:

Através de uma abordagem multidisciplinar e diferenciada, a proposta da presente atividade é realizar um estudo aprofundado sobre a importância cultural, comercial e política dos mares para a civilização grega antiga. Para realização de tal objetivo, procurei organizar uma atividade dotada de assuntos diversos que evoquem a temática de maneira interessante para os alunos. A atividade conta com o emprego de fontes imagéticas, materiais e textuais.

Aula 1 – Processos de integração no Antigo Mediterrâneo:

Proposta:

1) Em um primeiro momento, o objetivo da aula inicial é ambientar os alunos a extensão geográfica do mar Mediterrâneo, delimitar suas fronteiras intercontinentais, marítimas (a comunicação que este estabelece com outros mares) e culturais no mundo contemporâneo. Para isso, selecionei uma representação cartográfica contemporânea da região.



Realização: Cada professor deve ter a liberdade de elaborar tal ambientação da maneira que achar melhor. Porém, alguns pontos devem ser destacados para o desenvolvimento futuro da atividade:

- Ressaltar os limites naturais da produção agrícola:

As terras ao redor do mar mediterrâneo são, de maneira geral, pequenas planícies circundadas por montanhas ou desertos. Tal fato garante um regime de chuvas irregular e deficitário as localidades vizinhas e, ao mesmo tempo, assegura uma produção específica para cada “micro-região”. Dessa maneira, a integração entre as regiões monocultoras sempre se fez necessária para suprir tanto a demanda nutricional como comercial de seus habitantes.

- Creditar ênfase a extensão territorial da Grécia hoje em dia e analisar com precisão sua condição geográfica:

Localizado na península balcânica, o território grego é predominantemente montanhoso e entrecortado por pequenos vales férteis. Possui um litoral recortado, fato que sempre favoreceu um contato íntimo com os mares. Estabelece contato com os Mares Mediterrâneo, Egeu e Mármara. O território também é integrado por um conjunto de grandes e pequenas ilhas (Ex: Creta, Cíclades e Espórades)

- Ressaltar as condições naturais de navegação do Mediterrâneo:

Um mar quase sem marés, no qual a navegação é dominada pelas correntes e pelos ventos. O transporte sempre foi de fácil e previsível realização durante quase todo ano (exceto entre o final do outono e início da primavera).

2) Em segundo momento, o objetivo da aula inicial é contrastar a ambientação contemporânea do mediterrâneo a ambientação antiga, com ênfase a história grega. Para isso, selecionei uma representação cartográfica datada de 550 A.C, na qual pode se observar a dispersão cultural da nação grega por todo o mar mediterrâneo e pelos mares vizinhos.



Realização: Novamente, o docente detém a liberdade para a realização de tal ambientação. Sugiro que o professor solicite uma comparação entre as duas representações cartográficas para os alunos através de alguns questionamentos essenciais que devem ser realizados para o desenvolvimento da atividade:

*Quais as diferenças entre a extensão territorial do território grego nos dois mapas?
A fragmentação e dispersão do território continental pressupõe um conhecimento náutico do mediterrâneo por parte dessa civilização?
Apenas os gregos habitavam essa região?*

Para conclusão da aula inicial, o docente responsável deve ressaltar a importância do comércio marítimo para a sobrevivência humana em tal região e destacar a presença do Mar na memória e imaginário da civilização grega antiga desde o seu início.

Aula 2 – A importância da arqueologia submarina para a história do mediterrâneo.

Proposta:

1) O objetivo da segunda aula da sequência é reforçar o conhecimento adquirido na aula introdutória através de um ponto de vista diferenciado: A arqueologia submarina. A proposta é que o docente responsável inicie a aula com a seguinte problemática: *Como se construiu o conhecimento a respeito da integração do mediterrâneo antigo?*

Realização: O professor deve introduzir a problemática lembrando a importância da interpretação de documentos escritos e obras historiográficas (como *O Mediterrâneo* de Fernand Braudel, *O mar corruptor: um estudo da história do Mediterrâneo* dos ingleses Peregrine Horden e Nicholas Purcell) e da arqueologia tradicional. A seguir, realizar uma breve introdução sobre a temática da arqueologia submarina, um breve histórico, as dificuldades técnicas e os benefícios que tal técnica pode trazer para o conhecimento sobre o passado:

Sua aceitação foi desenvolvida tardiamente, devido às dificuldades de acesso aos campos subaquáticos, e porque a adaptação das técnicas arqueológicas aos locais subaquáticos originaram-se das habilidades e ferramentas desenvolvidas por mergulhadores de naufrágios. A situação mudou quando as universidades começaram a admitir tal prática como disciplina e quando uma base teórica e prática foi firmemente estabelecida. O desenvolvimento da área possibilitou um estudo de sociedades humanas do passado que estabeleceram um contato constante com os mares, estuários e rios.

Existem muitas razões pelas quais arqueologia subaquática pode trazer contribuições significativa para o nosso conhecimento do passado. O estudo de campo dos naufrágios pode ser de importância histórica significativa pois eles podem formar uma espécie de cápsula do

tempo accidental, preservando um conjunto de artefatos humanos no momento em que o navio foi perdido.

Porém é necessário ressaltar que a arqueologia submarina não se restringe apenas ao estudo de naufrágios, podendo se estender a antigos portos e cidades submersas, fósseis animais e até mesmo mudanças geológicas no substrato marinho ocasionadas por fenômenos naturais.

Um dos problemas de se trabalhar na área são as amplas dificuldades técnicas enfrentadas pelos profissionais. Devido a sua localização submarina, as práticas tradicionais da arqueologia terrestre não encontram muita efetividade devido a sujeição a fenômenos marítimos como força de correntes ou desenvolvimento biológico de espécies vegetais. Além disso, um amplo investimento nos equipamentos e logística da escavação também se mostra um obstáculo para a prática, assim como a dificuldade de resgate dos documentos materiais.

2) Após a introdução da temática o professor deve solicitar aos alunos que examinem as seguintes imagens:

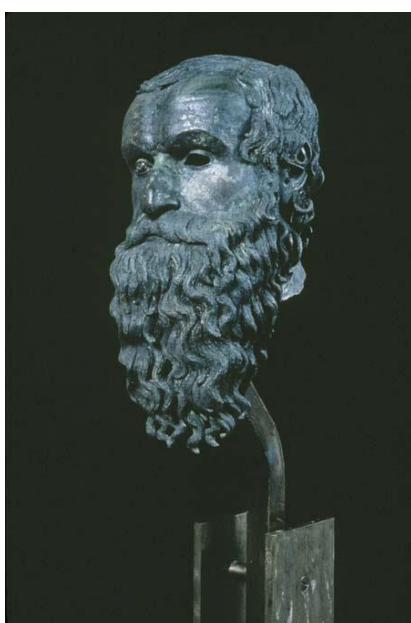
Sítio de Kekova Adasi – Turquia – Naufrágio do século VII A.C:



Sítio da Ilha de Peristera – Grécia – Naufrágio do século V.A.C:



Naufrágio de Porticello – Itália – Estátuas de Bronze datadas do século V A.C.:



Sítios em Poti e no Lago Palaestomi na região do Mar Negro – Vestígios cerâmicos
áticos datados do século IV A.C:



Sítio de Kyrenia – Chipre – Naufrágio do século III A.C:



Sítio de Secca del Capistello – Itália – Anforas do século III A.C



Tomando como referência a representação cartográfica que representa a dispersão grega pelo Mediterrâneo exposta na aula anterior, o docente deve orientar o seguinte questionamento:

- a) *Que tipo de objeto aparece predominantemente entre os achados?*
- b) *As localidades nas quais situam-se os sítios são compatíveis com o mapa?*
- c) *Quais das imagens apresentam datação compatível, ou aproximada, com o mapa?*
- d) *O que as imagens que não apresentam datação compatível sugerem?*

Na conclusão da terceira aula da sequência, o docente deve responder o questionário junto com os alunos. Segue uma possível interpretação:

- a) O objeto que mais aparece nas imagens são as ânforas. Tal objeto é de suma importância para identificação da origem e destino do navio (baseando-se em seu conteúdo) e datação da embarcação.
- b) Todas as localidades são compatíveis com aquelas representadas no mapa.
- c) Apenas as imagens do Sítio da Ilha de Peristera na Grécia e Porticello na Itália.
- d) As anteriores sugerem que os produtos gregos já eram comercializados pelo mediterrâneo muito antes da de 550. As imagens de datações posteriores sugerem que o mediterrâneo continuou a ser utilizado como um espaço de trocas comerciais após 550 A.C.

Aula 3 – A presença dos mares no passado mitológico na memória grega.

Proposta:

1) O objetivo da terceira aula da sequência é introduzir a temática da mitologia e destacar as implicações de tal representação cultural para a criação de uma memória a respeito da civilização grega, na qual o imaginário a respeito do mar sempre se mostra presente. O docente responsável detém liberdade para a escolha de contos e fábulas dentro do amplo universo mitológico grego que colaborem para essa discussão. Para realização de tal objetivo selecionei representações iconográficas a respeito dos poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisséia*:



139. Brygos Painter. Outside of cup. Sack of Troy. (Above, the death of Priam). Circa 490 B.C. Paris, Louvre.

Imagem: O saque de Tróia- 490 A.C. – Louvre, Paris.

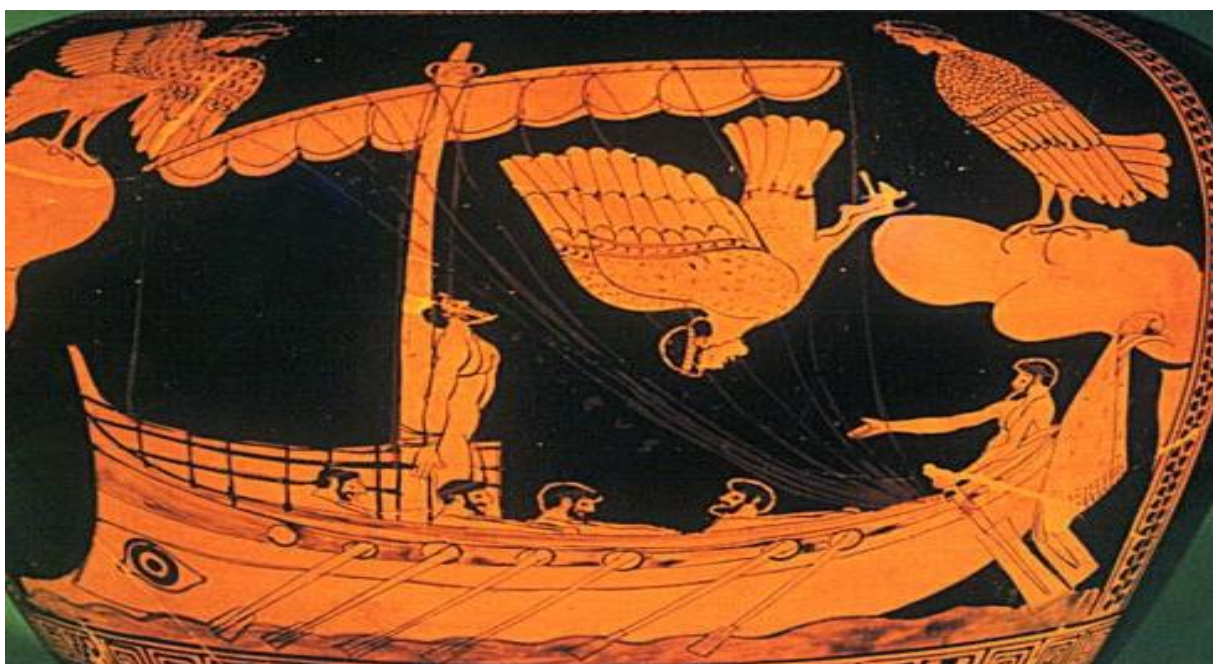


Imagem: Odisseu e as Sereias - 480 – 460 A.C.– Museu Britânico, Londres.

Realização: Em um primeiro momento, o docente deve realizar uma breve apresentação do enredo das fontes selecionadas. Para as fontes escolhidas por mim:

A Ilíada narra o longo e pesaroso conflito entre os gregos e a cidade de Tróia na Ásia Menor. Tal conflito se inicia devido ao rapto de Helena, rainha de Esparta, pelo príncipe Troiano, Páris Alexandre. Menelau, o marido de Helena e rei de Esparta, pede auxílio aos outros reis gregos para vingar-se dos troianos, que violaram os laços de hospitalidade, e resgatar sua esposa. Os gregos empreendem uma longa viagem marítima para a realização de tal campanha. O poema se desenvolve através da narrativa das façanhas dos grandes Heróis de ambos os lados do conflito: Aquiles, representando os gregos, e Heitor, representando os troianos. O conflito termina com o saque de Tróia pelos gregos através de um engenhoso truque elaborado por Odisseu: o cavalo de Tróia.

A Odisseia narra as desventuras do desafortunado Odisseu, que não consegue retornar ao seu lar devido a fúria de Poseidon, deus dos mares, que o condena a vagar pelas ilhas do mar Egeu e enfrentar os mais terríveis perigos. Enquanto isso, em seu lar, sua mulher é disputada por pretendentes que querem desposá-la para usufruir de seus bens e que acreditam que Odisseu está morto. O poema termina com o retorno de Odisseu a sua casa e o massacre dos pretendentes pelo herói grego.

2) Em seguida, orientar uma discussão a respeito daquilo que é possível apurar através da análise dessas fontes. Se optar por fontes materiais (como eu optei), cabe ao docente esclarecer brevemente as diferenças metodológicas em relação ao trabalho com fontes textuais.

Realização: Para as imagens que selecionei, realizei a seguinte análise:

- Saque de Tróia: *Mulheres desesperadas, soldado atacando um homem caído, uma embarcação recebendo o saque de velas suspensas.*

- Odisseu e as Sereias – *Um homem amarrado ao mastro, homens remando, criaturas antropozoomórficas observando e sobrevoando a embarcação.*

Proposta de questionário:

As imagens apresentam semelhanças?

Em que contexto foram produzidas?

Por que foram produzidas?

Por que tais imagens foram selecionadas?

Oriundas de um espectro temporal próximo, 490-460 A.C, é possível observar nas imagens a presença de embarcações. A falta de conhecimento sobre o mar oferecia material de sobra para representações monstruosas a seu respeito, como todos os perigos que Odisseu enfrentou antes de retornar ao seu lar. Tendo uma finalidade comercial, a escolha de tais imagens reflete a ampla aceitação pública dos poemas homéricos como representação de um passado vivo e enraizado no imaginário da sociedade. Tendo sido produzidas durante as guerras Pérsicas, tais vasos procuravam reinterpretar e atualizar os valores do passado conforme as novas maneiras de perceber a realidade e, ao mesmo tempo, atender as necessidades do presente.

Para concluir a terceira aula da sequência, o docente deve esclarecer que o passado mitológico, apesar de deter em si uma dimensão fictícia, era uma maneira de representação do passado diferenciada das que praticamos hoje em dia. Amplamente baseado em tradições orais transmitidas através de gerações, o estudo e interpretação de tais contos evidencia a natureza heterogênea da verdade histórica e colabora para a recuperação do passado cultural helênico. Através da breve análise dos poemas homéricos realizada nessa atividade foi possível perceber o contato intimista que esse povo estabeleceu com o mar desde as suas origens através grandes jornadas marítimas. Ao mesmo tempo, os poemas homéricos também evocam a guerra como um fenômeno presente durante toda história grega envolvendo também

aqueles que ficavam nas cidades esperando o retorno de seus familiares envolvidos em campanhas militares de seu próprio tempo.

Aula 4 – A importância política e militar dos mares.

Proposta:

O objetivo da quarta e última aula da sequência é realizar uma análise a respeito da importância política do domínio dos mares. Em seguida, a partir de todo conhecimento trabalhado nesta sequência, desenvolver uma conclusão a respeito do tema. Para tal proposta, selecionei fontes textuais que permitem o desenvolvimento da temática. Porém, o docente responsável tem total liberdade para selecionar outras fontes adequadas a proposta.

Texto 1:

“É óbvio o fato de qualquer cidade precisar aperfeiçoar seu poderio naval até um certo nível que inspire medo e que seja capaz de defender não apenas a si mesma mas também alguns de seus vizinhos. Além disso qualquer cidade que procure uma liderança internacional precisa de uma grande marinha proporcional as suas atividades”. (Aristóteles, Política)

Texto 2:

“Lesbos e Quios foram as duas únicas ilhas importantes que mantiveram sua autonomia política quando a Liga de Delos consolidou o poderio do império ateniense. Mitilene era a principal cidade da ilha de Lesbos. As cidades da ilha eram privilegiadas em relação às outras cidades subordinadas a hegemonia ateniense por realizarem suas contribuições à liga em forma de navios e não de impostos. Apesar dos privilégios que lhes foram concedidos, os mitilenos consideravam a hipótese de unificar Lesbos politicamente sob seu comando, opondo-se a Metimna, cidade aliada de Atenas dentro da ilha. Tais acontecimentos se deram antes do início da Guerra do Peloponeso.

Porém, com o início do conflito, uma rebelião em Lesbos certamente poderia ser bem recebida pelos inimigos de Atenas. O momento para o levante não podia ser melhor. Era sabido que Atenas estava enfraquecida, com escassez de dinheiro e de homens devido à peste. Além disso, uma insurreição direta contra Atenas poderia despertar outros levantes militares provenientes de outras cidades que se sentiam oprimidas pela política imperial da grande líder política da Ática.

Os mitilenos estavam ampliando a sua esquadra de guerra, construindo muralhas e buscando mantimentos e mercenários no mar Negro. Porém, tais notícias acabam chegando a

Atenas através de vizinhos hostis a Mitilene. Uma esquadra é imediatamente enviada da Ática para impedir os planos dos rebeldes. Mitilene envia uma missão diplomática a Atenas pedindo a retirada dos navios e o reconhecimento de sua soberania sobre a ilha em troca de sua lealdade. Sabendo que Atenas recusaria a proposta, os mitilenos enviam outra missão diplomática secretamente para pedir ajuda a confederação peloponésia que se reunia em Olímpia, no santuário de Zeus, em virtude dos jogos.

Os lacedemônios aderem à insurreição e se preparam para invadir a Ática através do estreito de Corinto, porém, são surpreendidos pela esquadra ateniense que, após invadir o Peloponeso sem nenhuma dificuldade e provocar a retirada de Esparta do estreito, decide realizar um cerco a Mitilene.

Sem ajuda, os mitilenos não conseguiram submeter Metimna e tiveram que se contentar apenas em aumentar o controle sobre as cidades vassalas de Antissa, Pirra e Eresos. A situação em Lesbos permaneceu praticamente a mesma. A retirada de Esparta serviu como incentivo a Atenas, que enviou mil homens a Lesbos sob o comando do general Paques. O general construiu um muro em volta de Mitilene, fechando seus acessos por terra e por mar. O cerco e o bloqueio serviam não apenas para proteger Metimna, mas também para forçar a rendição de Mitilene.

Os espartanos não ignoram o que estava acontecendo na ilha e enviam, secretamente, o embaixador Sáletos com uma nova proposta de invasão da Ática e com uma proposta de socorro a Mitilene a partir do envio de uma frota liderada por Alcidas.

A invasão por terra é bem-sucedida e usada para chamar a atenção dos atenienses, porém a frota liderada por Alcidas demora muito para chegar a Mitilene e, antes de chegar à ilha, recebe a notícia de que os desertores já haviam se rendido. O regresso da frota peloponésia frustrou os rebeldes de Mitilene.

Como o cerco exauria rapidamente os estoques de viveres da cidade, Sáletos planeja um ataque desesperado para romper o bloqueio militar ateniense. Mas para executá-lo, ele precisava de um número maior de homens do que o que existia em Mitilene. A solução foi distribuir armamentos para homens de classes inferiores. O regime oligarca de Mitilene concordou com o plano, porém, uma vez armados, os novos recrutas exigiram a distribuição para o povo de toda a comida existente na cidade. Se os oligarcas não concordassem, eles entregariam Mitilene a Atenas e fariam um acordo de paz separadamente, excluindo as classes superiores.

O regime oligárquico, submetido à pressão popular, entrega Mitilene a Atenas. Após a chegada do exército ateniense, Sáletos é enviado a Atenas por Paques junto de cerca de mil homens que também eram possivelmente culpados pela insurreição, para serem julgados por uma assembléia que decidiria o destino de Mitilene”.

(Tucídides, A Guerra do Peloponeso – Livro III – Adaptação)

Realização: Após a leitura dos dois textos cabe ao professor orientar um questionamento por parte dos alunos a respeito dos textos lidos. Sugiro o seguinte roteiro:

É possível identificar o contexto histórico dos textos?

Os dois textos apresentam relação?

É possível identificar apenas o contexto histórico do texto 1: Com a vitória das guerras Pérsicas e o comando da liga de Delos, Atenas se consolidou como a maior potência militar da Ática. Exigindo impostos das cidades confederadas, Atenas usava sua excepcional marinha como instrumento de terror para enriquecer cada vez mais e se perpetuar no poder. Tal comportamento garantiu a cidade muitos e inimigos que não aceitavam se submeter a imposição de tal ordem política. Mitilene é apenas um caso de revolta antes da gradual polarização entre Atenas e Esparta que deflagrou a Guerra do Peloponeso.

O texto 2 aparece como uma exemplificação daquilo que foi escrito por Aristóteles: Atenas inspirava terror com sua marinha profissionalmente treinada e exercia liderança imperial sobre os mares gregos.

Conclusão e síntese:

A Presente atividade teve como objetivo um aprendizado diferenciado da história Antiga do mediterrâneo com ênfase na história da civilização Grega Antiga. A intenção da atividade é esclarecer a propriedade conectiva do Mar Mediterrâneo para as civilizações que a habitavam as suas margens. Tal propriedade garantiu a sobrevivência dessas civilizações através da ampla atividade comercial empreendida entre os povos, que foi de crucial importância para o desenvolvimento cultural e econômico dessas sociedades. Porém as relações comerciais marítimas acabam por gerar rivalidades e inimizades entre os povos, o que assegurou um constante contato com a guerra na intenção de assegurar a hegemonia política sobre os mares. As evidências materiais proporcionadas pela arqueologia submarina ajudaram a esclarecer melhor como se davam as relações entre as sociedades mediterrânicas e como

elas foram perpetuadas ao longo do tempo. A guerra de Tróia, contemplada pelos poemas homéricos, é apenas um exemplo da constante atividade marítima e rivalidade entre os povos mediterrânicos e demonstra como o contato com o mar e a atividade guerreira eram valores profundamente enraizados no imaginário da civilização grega durante toda a sua existência. A manutenção de uma marinha profissional era um elemento político e militar de extrema importância em um mundo no qual a instabilidade climática poderia acarretar longos períodos de fome. Além de inspirar terror nas cidades rivais, a marinha servia para assegurar que a atividade comercial marítima fosse bem-sucedida.

Bibliografia:

- ARIAS, P.E. **A History of Greek Vase Painting**. Londres: Editora Thames & Hudson, 1962.
- ARISTÓTELES. **Política**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis**. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- GRILLO, Jose Geraldo Costa. **A Guerra de Tróia no Imaginário Ateniense: Sua representação nos vasos áticos do século VI-V A.C.** São Paulo: Catálogo USP, 2009.
- GUARINELLO, N.L. **História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Hedra, 2011.
Odisséia. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Hedra, 2011.
- VERNANT, Jean Pierre. **Entre mito e Política**. São Paulo: Edusp, 2009.
- VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus Mitos**. Editora Unesp, 2014.
- WEES, H.V. **Greek Warfare: Myths and Realities**. Londres: Duckworth, 2004.
- **Institute of Nautical Archaeology**. Disponível em < <http://nauticalarch.org/>>. Acesso em: 2015.